

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Globo Class.: Kalapalos 06

Data: 02/07/94 Pg.: _____

O Biblioteca Nacional ganha documentos do jornalista Edmar Morel sobre a Coluna Prestes e o 'Caso Fawcett'

índio louro e de olhos azuis

ELISABETH ORSINI

O acervo republicano da Biblioteca Nacional está mais rico com a doação do arquivo do jornalista cearense Edmar Morel, braço direito de Assis Chateaubriand. São mais de cem páginas com recortes, fotografias e manuscritos originais colhidos por Morel durante uma vida inteira dedicada ao jornalismo, a maior parte nas revistas e jornais dos "Diários Associados". Doado pelo neto Marco Morel, o acervo é indispensável para todos aqueles que se interessam pela história do jornalismo brasileiro. Lá estão, também, os primeiros manuscritos-originais da Coluna Prestes e alguns bilhetes com ordens de comando, sendo que um deles discute a possibilidade da traição de Juarez Távora.

E mais: fotos originais da Coluna — todas identificadas — nas quais se pode ver, por exemplo, Felinto Müller dirigindo um Ford Bigode e oficiais rebeldes com punhal e pistola mostrando como os legalistas assassinavam os inimigos. Há também o croquis original que orientou a invasão do Ceará e cartas de Gago Coutinho, a maioria delas escrita em papel timbrado do Grande Hotel, que ficava na rua Senador Dantas 24.

Mas, raríssima mesmo é a documentação sobre a revolta da Chibata com direito ao manifesto original dos Marinheiros, escrito a bordo do encouraçado "São Paulo" em 22 de novembro de 1910 e uma cópia do dossiê do negro João Candido redigida no Hospital Nacional de Alienados, prova de uma das páginas mais negras da história do Brasil (leia o box ao lado).

Mas as maiores preciosidades do acervo são a autobiografia inédita de Edgar Morel, que leva o título "Histórias de um repórter" e todo o material do que ficou conhecido como o "Caso Fawcett", ou seja, a descoberta de Dulipé, o único índio louro de olhos azuis que a Floresta Amazônica conheceu.

Nelson Werneck Sodré assina o prefácio do livro de Morel e definiu este, na época, como "o que o jornalismo nacional possuía de melhor". Quem conheceu Morel, morto em 14 de novembro de 1989, sabe bem disso porque conheceu também sua audácia, coragem e o faro especialíssimo em perceber o fato que poderia prender a atenção do público durante semanas e até meses.

"Histórias de um repórter" começa com a imprensa na década de 30 e termina com um resumo sobre as seis décadas de militân-



Edmar Morel (ao centro) observa Dulipé, o índio louro e de olhos azuis que conheceu na Floresta Amazônica



Dulipé (o mais alto, no centro, de óculos), já aculturado, entra na escola

cia jornalística de Morel. Para realizar o trabalho, a família do jornalista gravou, durante dois meses, dez fitas com os episódios vividos ao longo de 75 anos de idade e 50 de jornalismo.

Mas não se pode negar que o glamour jornalístico da carreira de Morel fica por conta da descoberta de Dulipé, índio venerado por sua tribo e considerado por ela quase como um semideus. Tudo começou com o desaparecimento da expedição chefiada pelo coronel Percy H. Fawcett, da Real Guarda Inglesa, em 1925, nas florestas do Brasil. Ele tinha vindo para cá procurar pe-

los vestígios do suposto continente desaparecido, a lendária Atlântida. Um caso tão famoso quanto o desaparecimento do missionário Livingstone, no final do século passado, encontrado pelo repórter Stanley que, para conseguir êxito em sua missão, atravessou a África Equatorial de leste a oeste.

Os "Diários Associados" publicaram várias reportagens de Morel desvendando o mistério. Todas elas ilustradas com documentos e fotografias de pessoas que tiveram contato com Fawcett. Na época, ficou provado que o oficial do exército inglês e

seu filho, Jack, foram mortos pelos índios Kalapalos, aldeia à margem do rio Kuluene, às faldas da serra do Roncador.

Edmar Morel viajou novamente para o Xingu tentando encontrar o neto de Fawcett, o índio mestiço Dulipé, e acabou conseguindo permissão do cacique Izarari para que o índio deixasse a floresta e viesse viver no Rio de Janeiro: "Dulipé em carne e osso, ao meu lado, dava-me a impressão de um sonho. Desde agosto, que procurava avistar-me com o mameluco, neto do coronel Fawcett, Dulipé começou a remexer os bolsos do meu culote e gostou muito da carteira de couro de crocodilo. Abriu-a, e as cédulas não lhe causaram nenhum interesse. Preferiu ficar com duas pequeninas chaves metálicas", escreveu Morel.

Dulipé era um peso morto na comunidade. Era míope, não caçava, não pescava, não fazia nada. Depois aprendeu a ler e escrever, mas a mudança de hábitos na civilização modificou totalmente seu caráter. Passou a usar terno de casimira, óculos e começou a frequentar os clubes da cidade, onde era tratado como se fosse um bicho. A família de Fawcett nunca reconheceu a paternidade do coronel. Rejeitado, Dulipé passou a frequentar o baixo meretrício. Vivia embriagado. Sua morte, com menos de 30 anos, foi violenta: durante uma discussão foi assassinado a punhal na porta de um bordel.

Josefine Baker conhece a macumba

EDMAR MOREL

"Não querendo fugir ao figurino, arranjei um xodó. No Ceará, qualquer tipo de mancebia era conhecido por xodó. Mulher da vida era quenga. A minha era a Maria Preá, morena dos sertões dos Inhamuns que logo caiu nas garras da Maroca Pacheco, cafetina das próprias filhas.

"Meu local preferido era o Mangue. Nunca pensei em ver tantas mulheres de sutiã e calinha na porta.

"A Pátria' tinha um passado confuso. Fora fundada por Paulo Barreto, o famoso João do Rio porém, com a morte do fundador, num táxi, a caminho de sua residência no Catete, depois de uma noitada no **bas fond** da Lapa, onde dera vasão ao seu notório homossexualismo, o matutino muito perdeu.

"Encontrei-me com Rachel de Queiroz no Aterro do Flamengo, nós dois tomando conta dos netos e disse-lhe dos meus receios em ser preso, espancado e sumido. Rachel, que considero minha irmã, foi taxativa: 'Vou falar com o velho (Castelo Branco) amanhã.' Três dias depois, disse-me a Rachel: 'Você não vai sofrer nada. O velho garantiu.'

"Em O GLOBO compreendi a importância do 'furo'. O vespertino fundado por Irineu Marinho, aparecia aos meus olhos de provinciano como algo de espantoso. Tinha automóveis, lanchas,

até aviões de pequeno porte para as reportagens e, assim, conheci o Rio dos pés à cabeça.

"Passei a ser chamado com frequência ao gabinete do Dr. Assis, como o tratava. Vestia-se de maneira horrível, sempre com calça diferente do paletó, com sapatos de duas cores.

"A dançarina negra Josefine Baker havia chegado ao Rio para fazer apresentações no Cassino Atlântico. Alguém meteu na cabeça da artista que ela deveria assistir a uma macumba autêntica. Levei-a a um terreiro em Belford Roxo, onde uma multidão a aguardava. Ela saltando de Cadillac e saudando o povo, dirigindo-se para o terreiro da Mãe Dedé. Lá estavam a Dircinha Batista, Ari Barroso. De súbito, correu o boato de que um senhor de idade havia falecido nas vizinhanças, fato que não despertou maior atenção nos presentes. Depois, ficamos sabendo que o morto era o famoso criminalista Evaristo de Moraes, advogado do povo.

"Assisti à tomada de inúmeras cenas ao lado de Orson Welles. No rebocador onde estavam as câmeras havia grande carregamento de uma bebida até então desconhecida em nosso país. Era a Coca-Cola e, assim, fui um dos primeiros brasileiros a beber o refrigerante universal tomado pelo gargalo."

Trechos da autobiografia inédita de Edmar Morel

A tortura e a dor de João Candido na Ilha das Cobras

"O general Estanislau Vieira Pamplona quis obrigá-lo a dizer ter sido Ruy Barbosa, quem tramou a revolta; teve a interseção favorável do Coronel Julio Barbosa (...)! O General Pinheiro Machado, a palavra de honra de que nada lhe sucederia; transferido para a Ilha das Cobras foi encarcerado com mais oito companheiros. Em um cárcere que normalmente só comporta duas pessoas, amontoados, como feras, quatro dias sem comer nem beber. Jogavam-lhe de fora ainda, creoulina, cal e ácido fênico!... Alguns chegaram a beber, corroidos pela sede, a própria urina! Ao cabo dos quatro dias, haviam morrido 18 de seus pobres

companheiros, cujos cadáveres exalavam já mal cheiro. Quando retiravam do cárcere os cadáveres, ouviu, João Candido, a voz do carcereiro: 'não tirem o João Candido, porque ainda está vivo!' Foi depois removido para outra prisão, onde, abatido fisicamente pela fome, pela sede, pela escassez do ar, acabrunhado pela dor moral que o torturava, pela injustiça que acabava de sofrer, apresentou perturbações psucho-sensoriais, que foram alucinações. Via companheiros mortos, que lhe chamavam."

Trecho do original do manifesto dos Marinheiros, que desencadeou a Revolta da Chibata